PRÁTICAS DIDÁTICAS QUE FAVORECEM A LEITURA E A ESCRITA

ANDREIA BARBOSA DE ABREU VICENTINI

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o desenvolvimento de sugestões de práticas construtivas que podem favorecer a leitura e a escrita no processo de alfabetização. Sabe-se que os momentos de aprendizagem da leitura e da escrita propostos com atividades didáticas significativas que possam contribuir nos desafios e conquistas da alfabetização, são importantes aliados para a compreensão das estruturas que envolvem o ler e o escrever. A produção dessa obra foi realizada após pesquisas bibliográficas em estudos de alguns teóricos como Vygotsky, Capovilla, Russo e seguindo a realidade escolar. Tem-se como proposta uma reflexão na busca de analisar que a utilização de algumas práticas didáticas se torna aliadas ao processo de favorecimento da leitura e da escrita numa ação prazerosa, com resultados positivos, consequentemente contribuir de maneira eficaz para a formação da criança.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Leitura; Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Com o conhecimento de que uma das ações da escola é ensinar a ler e a escrever, pois são habilidades empregadas em todas as disciplinas escolares, dessa forma o aluno precisa desenvolver cada vez mais essas habilidades. A partir destas considerações, visa-se responder a seguinte pergunta: quais práticas pedagógicas podem ser desenvolvidas para aquisição do princípio alfabético relacionando-as com o desenvolvimento da linguagem escrita e da leitura? Sendo assim, é necessário um trabalho que favoreça esse aprendizado com atividades significativas, tendo o professor mediador das práticas pedagógicas sugeridas, que podem ser realizadas com classes de alfabetização, para que o resultado do ensino da leitura e escrita em sala de aula se realize da melhor forma possível.

Dentro desse cenário, é preciso estimular o professor a desenvolver de forma interessante e dinâmica um trabalho significativo, e assim tornar as crianças mais participativas no processo de aprendizagem. O professor ao desenvolver o trabalho com as atividades sugeridas pode e deve adaptar de acordo com cada turma, respeitando o tempo de cada criança, no intuito de contribuir com evidências que demonstrem que é possível alfabetizar, a partir das práticas didáticas que favorecem estas habilidades.

O interesse por essa pesquisa surgiu a partir de conhecimento sobre pesquisas como do Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) do Inep e do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) da OCDE onde ficou claro que muitos alunos até chegam a se alfabetizar, mas não desenvolvem adequadamente suas habilidades de leitura e escrita no decorrer do ensino fundamental. São alunos que apresentam baixo desempenho nas avaliações, dificuldade de compreender e interpretar o que leem e dificuldade de se expressar, e a partir desse conhecimento é que se sentiu a necessidade de aprofundar os conhecimentos acerca do mesmo, para que se possa contribuir com a área acadêmica e apontar o que as proposições teóricas das pesquisas em voga com as evidências empíricas destacam para desenvolver a habilidade de leitura e escrita para a alfabetização.

Nessa pesquisa são apresentadas como propostas conhecer e identificar práticas didáticas que podem favorecer a leitura e a escrita no processo de alfabetização direcionando o estudo para uma reflexão de como essas práticas podem favorecer a leitura e a escrita e como viabilizar o acesso do aluno ao universo do ler e escrever durante o processo de alfabetização. Também tem como objetivo verificar o desenvolvimento de atividades que facilitem a criança em sua elaboração de hipóteses a respeito dos processos de construção da leitura e escrita como instrumento real de sua inserção em situações de comunicação, e quais medidas são necessárias para a intervenção de adequadas práticas de alfabetização facilitando a aprendizagem das crianças que ingressam no ciclo I da Educação Básica.

Compreende-se que o processo de alfabetização é complexo e múltiplo por se tratar da compreensão da língua que se organiza em linguagem oral e escrita em que a criança é levada a compreender a relação existente entre a escrita e a fala. Nesse processo cada criança apresenta dificuldades individuais e ritmos de aprendizagens diferentes durante o período de alfabetização. Cada criança tem seu tempo e, portanto, é suscetível a fatores histórico sociais, econômicos e culturais, sofrendo à ação dos mesmos. A alfabetização é uma prática que exige sistematização partindo da concepção de que cada criança já traz suas hipóteses sobre a oralidade e a escrita.

Nesse processo cada criança passa por etapas nas quais vai delineando a construção alfabética por meio do reconhecimento da escrita de maneiras diferentes, assim faz descobertas tanto acerca da escrita quanto da leitura. O trabalho do professor alfabetizador é fortalecer e potencializar essa percepção contribuindo para que a criança

possa avançar em suas hipóteses, elencando sua compreensão sobre as minúcias que constituem a linguagem escrita e a leitura. A escrita e a linguagem são instrumentos de comunicação fundamentais, pois sem ela não é possível o acesso à informação e ao conhecimento, uma vez que a linguagem escrita e oral dá identidade ao indivíduo.

Existem vários fatores que contribuem na aprendizagem da leitura e escrita, questões como participação ativa da família no processo de alfabetização, como o acompanhamento dos pais na realização das atividades de casa, vivências de leitura partilhada, os diversos gêneros textuais como: receitas, listas de compras dentre outros. Desta forma a formação do professor é um dos fatores de extrema relevância nesse processo assumindo conscientemente seu papel de alfabetizador, com recursos e metodologias adequadas que assegurem a alfabetização escolar.

Sabe-se que a alfabetização tem sido um grande desafio na educação brasileira, e que as avaliações externas apontam para crianças que chegam ao 4º ano do ensino fundamental sem saber ler e escrever, e diante disso, é preciso perguntar por que o sistema educativo brasileiro não consegue minimizar os impactos dos números crescentes da não aprendizagem? Com isso, verifica-se que o Brasil não está conseguindo alfabetizar satisfatoriamente as crianças, principalmente as que pertencem à classe menos favorecida e que alunos que concluem o ensino fundamental se tornam fortes candidatos a serem analfabetos funcionais, essa se torna uma grande preocupação no Brasil e um problema educacional e social com um forte apelo político.

Nesse sentido, esta pesquisa visa compreender de que maneira o professor alfabetizador desenvolve a habilidade de leitura e escrita e quais atividades significativas podem utilizar neste processo de alfabetização em sua prática docente.

2 AS PESQUISAS RELACIONADAS A LEITURA E ESCRITA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Há vários estudos que abordam as questões relacionadas com o progresso da aprendizagem da leitura e da escrita. Pesquisas na área da Psicologia Cognitiva da Leitura têm demonstrado que as estratégias de leitura e escrita associadas ao processo de alfabetização apresenta grande importância ao favorecimento da aprendizagem dos alunos.

Capovilla e Capovilla (2007) sugerem que o Brasil enfrenta sérios problemas em relação a alfabetização das crianças, mesmo com os investimentos do governo na área da educação, todos os anos as mídias mostram um declínio quanto aos resultados esperados pelo Ministério da Educação em seus diversos instrumentos de avaliação, por meio dos Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP), a PROVA BRASIL, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), a Avaliação Brasileira do Final do Ciclo de Alfabetização (PROVA ABC) e a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA).

Todas essas avaliações têm como propostas verificar que as autoridades governamentais impõem políticas públicas falhas, metodologias descontextualizadas, engessando a autonomia dos professores. Assim é preciso ultrapassar e ir além, alfabetizar valorizando novas práticas, identificar as causas e métodos falhos, considerando as condições sociais que afetam a aprendizagem dos alunos, sendo necessário introduzir pesquisas de avaliações comparativas e de intervenção, para uma reflexão em novas decisões quanto à alfabetização das crianças brasileiras.

Tal afirmação vem ao encontro com o resultado do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), realizado em 2015, aponta o Brasil com a modesta 59ª posição entre setenta países avaliados.

Outro aspecto analisado foi a dificuldade de interpretação, uma vez que o aluno brasileiro que sabe ler nem sempre é capaz de compreender aquilo que lê, acarretando uma série de problemas nas diversas áreas do conhecimento.

De acordo com Capovilla et.al (2005), o Relatório encomendado pela Câmara dos Deputados ao Painel Internacional de especialista em Alfabetização Infantil, demonstra os resultados da alfabetização no Brasil ressaltando os problemas que a educação sofre. Este relatório tem por objetivo apresentar os resultados às autoridades educacionais visando ressaltar os resultados positivos obtidos noutros países a fim de despertar uma revisão das práticas educacionais brasileiras. São considerados dois aspectos cruciais referentes à educação brasileira, o problema da alfabetização das crianças e a dificuldade que o país tem de usar conhecimentos científicos para avaliar e melhorar a qualidade da educação.

As pesquisas mostram que o país não consegue alfabetizar de forma adequada devido a questões políticas e econômicas que geram grande disparidade na educação nacional, onde algumas regiões são mais favorecidas que outras causando certo retardamento na aprendizagem, assim crianças de nível socioeconômico baixo geralmente são as mais afetadas por falta de recursos pedagógicos e boas condições de aprendizagem assumindo continuamente a má qualidade educacional.

Há mais de 10 anos o país realiza trabalhos como o SAEB (sistema de avaliação do sistema básico do instituto nacional de pesquisas educacionais Anísio Teixeira), porém não consegue melhorar o desempenho,

fazendo com que quase 80% dos alunos que concluem o ensino fundamental II sejam candidatos a analfabetos funcionais, ou seja, apropriam-se da leitura e da escrita, mas não conseguem interpretar a informação. No campo do conhecimento científico o país se nega a implantar novas práticas pedagógicas de alfabetização, persistindo em metodologia ineficiente sobre o que é e como deve ser a alfabetização das crianças. (CAPOVILLA et. al, 2005).

Diante disso, é possível perceber que as pesquisas realizadas evidenciam o esforço de pesquisadores em verificar que a alfabetização escolar é uma etapa cruciante na vida da criança, uma vez que aprender a ler e a escrever não é uma tarefa simples que se pode realizar de qualquer forma, é, pois um processo que depende de muitos outros aspectos para acontecer, tais como a formação do professor, políticas públicas que assegurem a aprendizagem da criança, recursos didáticos adequados, metodologia adaptada para cada realidade, dentre outros aspectos. No entanto, diante desta gama de dificuldades apresentadas ainda se acredita que a alfabetização pode acontecer de maneira prática para a criança através de atividades significativas que gera um conhecimento útil para a vida do educando onde esse aprende e constrói hipóteses no processo de compreensão da leitura e da escrita.

2.1 FORMAR O HÁBITO DE LER E ESCREVER DESDE CEDO

Ler é um hábito que pode se formar desde antes da criança nascer. Segundo estudo da Bezos Foundation Family em parceria com a University of Washingnton de Seattle, os bebês começam a absorver a linguagem quando eles estão dentro do útero, principalmente durante as últimas dez semanas de gravidez. As pesquisas apontam que os bebês estão ouvindo e aprendendo, pois, seus cérebros não aguardam o nascimento para começar a absorver informações. Estimular o hábito da leitura, a comunicação verbal, permite que os bebês absorvam a linguagem nativa da sua mãe além de perceber diferenças de língua estrangeiras. Quanto mais cedo começar, melhor, quando se lê para a criança abre-se um caminho de possibilidades tanto para a vida pessoal como social. O adulto que compartilha uma leitura com a criança está despertando o vínculo com os livros e resguardando o direito a educação, a cultura e também ao lazer. Ela se encanta com a narrativa e com a atitude de leitura, aprendendo a nomear o mundo à sua volta, a se conhecer, se expressar e se comunicar com os outros.

O incentivo ao hábito saudável de ler desperta o gosto pela leitura e proporciona à criança o conhecimento da língua escrita. Segundo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2009) em seu Novo Dicionário da Língua Portuguesa, define a palavra educação como um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando sua maior integração individual e social.

Como salienta Dalla Valle (2007, p.56) "A linguagem está em construção antes mesmo de a criança aprender a falar", portanto o professor não é exclusivamente o detentor do conhecimento, mas todas as pessoas que têm relação direta ou indireta com a criança, o professor deve ter claro como a criança aprende e o pleno entendimento de que o processo de alfabetização começa antes mesmo da criança ir para a escola, nas vivências e nos contatos que tem com todas as formas de linguagens que a rodeia.

Entende-se que a leitura é uma habilidade inerente ao ser humano, do mesmo modo que fala é algo peculiar desta espécie, no entanto a descoberta desta habilidade não se dá de modo natural é preciso que haja constante intervenção neste processo partindo da prática docente, da articulação familiar, de um ambiente que favoreça e potencialize essa aprendizagem, bem como das condições escolares.

(...) aprender a ler requer uma escola e uma instrução adquirida (...) e depende essencialmente de uma conquista crucial pelo educando que é a compreensão, alcançada com a mediação de leitores proficientes, do princípio subjacente ao código alfabético. É importante que professores e pais admitam que a leitura é uma atividade mental altamente complexa e organizada(...) (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2007, p. 2).

A pesquisa desenvolvida por Cattell (1960), demonstrou que crianças desde mais tenra idade produzem garatujas evidenciando uma clara intenção de escrever. E no estudo de Lavine (1972) as crianças mostram as diferenças entre escrita e desenhos. Outros são o de Carol Chomsky (1970) e o de Charles Read (1971), onde as crianças construíam conhecimento sobre letra e som. Trabalhos esses que trazem a leitura e escrita como processo de desenvolvimento, ressaltando que o conhecimento sobre as habilidades de leitura e escrita, prévio a escolarização tem sua relevância, e a importância das relações entre grafema-fonema (TEMPLETON; MORRIS, 2001; TREIMAN, 2001).

De acordo com Heckman e Masterov (2004), quanto mais cedo uma criança for estimulada maior será a probabilidade de se tornar um adulto bem-sucedido, em uma de suas pesquisas demonstram que uma criança de 8 anos que recebe estímulo como contar e ouvir, músicas e histórias, domina cerca de doze mil palavras, três vezes mais do que outra sem o mesmo incentivo.

Portanto, antes de entrar para a escola a criança já encontra-se em um ambiente alfabetizador, para apropriar-se efetivamen-

te do conhecimento, ela deve ser estimulada desde cedo, facilitando sua percepção de que o valor social da escrita é a comunicação, e a sala de aula com atividades significativas motiva as práticas de leitura e escrita, para a conquista de uma educação de qualidade, onde o professor entende o aluno como um sujeito que constrói seu conhecimento.

2.2 SALA DE AULA COMO AMBIENTE ALFABETIZADOR

Os cartazes do ambiente alfabetizador desempenham ações de interação social com o meio, nos quais permite ao aluno a percepção, reflexão e a possibilidade de melhor compreensão sobre leitura e escrita, favorecendo a aprendizagem. Vygotsky (1984, p. 101) defende que "Depende do meio em que estão inseridos. As interações da criança com as pessoas de seu ambiente desenvolvem, pois, a fala interior, o pensamento reflexivo e o comportamento voluntário".

A criança já nasce inserida em um ambiente alfabetizador e letrado, antes mesmo de chegar a adentrar os muros da escola, o ambiente que a cerca produz os seus conhecimentos prévios. Para uma efetiva educação formal é necessário transformar a sala de aula em um espaço que inspire no aluno os sentidos e seja conveniente à aprendizagem. A elaboração de materiais, pode ser feita com os alunos os quais se tornam coautores desse processo, numa participação ativa no desenvolvimento do conhecimento.

Um dos materiais que pode ser citado como imprescindível na sala de aula é o alfabeto, como elemento de apoio e consulta. O traçado das letras, a sequência alfabética permite que o aluno perceba e compare a grafia, elaborando hipóteses sobre a escrita. É importante conter os diversos tipos de grafia como letras de imprensa, cursiva e bastão, mas deve-se priorizar, principalmente nos anos iniciais, a letra bastão maiúscula como forma de facilitar a construção do código de escrita alfabética.

O calendário também é um dos materiais, onde o aluno consulta, compara, percebe o traçado dos números, a sequência numérica, conceitos básicos do sistema de numeração, posicionamento, questões de grandeza (maior/menor), a quantidade e ordem dos dias da semana e dos meses que compõem o ano, sendo possível também identificar números pares e ímpares.

Cartaz com posicionamento de números para compreender a relação da ordem do sistema de numeração e identificar a posição que o número ocupa, partindo dos conhecimentos prévios que a criança já traz sobre os números o cartaz contribui para uma melhor assimilação e compreensão ao confrontar suas hipóteses e assim avançar na ordenação de números: unidade, dezena, centena, etc.

A lista de nome dos alunos (chamadinha) também é um cartaz que trabalha a leitura e escrita além de localizar informações (nome do aluno), as mudanças e permanências em cada nome, ordem alfabética. Esse cartaz pode ser elaborado pelos alunos, que participam, identificando-se como sujeitos do processo de construção e socialização de suas hipóteses na leitura e escrita do próprio nome.

Pode-se organizar cartaz com leitura e escrita de dezena e dúzia, utilizando-se da comparação, ordenação, sequenciamento, contagem e regularidade numérica, composição e decomposição, relacionando o conceito de dezena e dúzia com a quantidade (agrupamento de objetos).

Não há um momento específico para a exposição de cartazes e aqui também só estão citados alguns exemplos, todo e qualquer material faz parte do processo de aprendizagem e cada criança assimilará de acordo com sua fase de alfabetização, quando o ambiente propicia a aprendizagem, permite ao aluno a motivação para aprender, atividades relacionadas às práticas de comunicação oral informal e formal, manuseio de jornais, revistas, livros, e outros materiais devem atender as necessidades e ao interesse da classe para ter sentido e ser eficiente, propiciando a aprendizagem da leitura e escrita.

É perceptível a forte contribuição do ambiente alfabetizador para as práticas pedagógicas na construção do conhecimento, a criança começa a elaborar hipóteses sobre leitura e escrita, estabelecendo comparações entre as informações do cartaz com seus conhecimentos prévios e junto com o professor mediador avançar em suas possibilidades. Nesse sentido, os estudos e as teorias de Vygotsky são relevantes sobre a zona de desenvolvimento real e potencial, ocorrendo a mediação entre esses dois níveis pelo professor, na construção e ampliação do conhecimento, denominada zona proximal.

Distância entre seu desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1988, p. 35)

A distribuição dos cartazes em sala de aula favorecem a aprendizagem de leitura e escrita e são uma base que possibilita a criança analisar, refletir, verificar, formular, observar e criar possibilidades para sua própria produção e construção do conhecimento, aprender vocabulário e avançar cognitivamente, a partir da reflexão e observação onde os alunos reveem suas estratégias, confrontando suas hipóteses nos cartazes que compõem o ambiente alfabetizador, jun-

tamente com as intervenções e mediação do professor alfabetizador.

2.3 PRÁTICAS DIDÁTICAS QUE FAVORECEM A LEITURA E ESCRITA

Na busca por soluções adequadas afim de aperfeiçoar o favorecimento da leitura e escrita, sem perder de vista cada aluno e sua capacidade de aprender, respeitando o conhecimento prévio, procurando implementar uma aprendizagem significativa para os alunos do ciclo I, verifica-se que práticas didáticas articuladas com a formação continuada do professor e com o seu planejamento em sala de aula, complementam para uma ação-reflexão-ação, onde o professor mediador faz as adaptações necessárias de acordo com sua turma. Aqui cita-se algumas que podem contribuir nas expectativas de aprendizagens que compõem a rotina dos alunos, permitindo ao professor planejar seu dia a dia com seus alunos, e assim torná-los confiantes na sua capacidade de aprender e o professor seguro em suas competências de ensinar.

Práticas essas que não são e nem devem ser engessadas pois trata-se apenas de um guia, que pode orientar, indicar caminhos possíveis e propor alternativas, um ponto de partida para reflexão.

Mesmo sem saber ler os alunos podem construir estratégias de leitura, através da antecipação ou inferência no conteúdo de um texto. Verificando o título, as imagens, sua diagramação, as informações contidas na capa, contracapa, etc. O professor mediador não se até apenas a um gênero textual, antes deve proporcionar o contato com os vários tipos de gêneros: cartas, contos, divulgação científica, poemas, reportagens, cantigas de roda, parlendas, entre outros. O professor ao fazer a leitura diária de textos literários permite aos alunos a construção de uma autonomia para leitura, familiarização com a linguagem escrita, o prazer com a leitura e o conhecimento amplo de uma diversidade de história e autores.

O professor é fundamental no processo da prática da leitura, é uma referência importante ao explicitar os usos e funções da leitura e escrita, ensinando o comportamento de leitor ao compartilhar com os alunos as suas ações quando ler em sala de aula, contribuindo para que passem a ter conhecimentos sobre a função social da escrita ao proporcionar o contato com diferentes portadores de texto: jornais, revistas, livros informativos, cartazes, entre outros. Inserir o aluno nas práticas de oralidade e escrita, nos processos formais de alfabetização, reconhecendo a função social da escrita e leitura, permitindo o desenvolvimento crítico e reflexivo da criança, capazes de usar a língua falada e escrita.

Ler de acordo com o que sabem sobre as letras e a escrita segundo suas hipóteses e assim ter a possibilidade de voltar e analisar a palavra e refletir sobre o uso das letras, são práticas que favorecem a leitura e escrita numa forma de contribuir para usar o que sabem, refletir e ampliar seus conhecimentos. Na leitura o foco está na interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos e orais. Uma forma para aprimorar a compreensão leitora é proporcionar ao aluno diversificadas experiências de ler, ouvir, comentar textos escritos. A formação do leitor deve contribuir para sua participação em práticas sociais da cultura letrada, no eixo leitura, ensinar a ler é levar o aluno tanto a reconhecer a importância das culturas do escrito com também a interpretar imagens estáticas e em movimento que constituem muitos gêneros digitais.

Para atividades de escrita o aluno deve pensar nas propriedades do sistema de escrita, atividades que envolvem estruturas textuais mais simples como listas, etiquetas, títulos ou textos previamente memorizados como parlendas, quadrinhas, poemas, legendas entre outros são atividades voltadas com objetivo de envolver a leitura e escrita e assim manter equilíbrio entre elas. Em produção de textos, existe a proposta de engajamento das crianças em situações reais de produção de textos verbais ou não verbais, uma atividade de produção de diálogo com o outro, seja um sujeito, seja outro texto, deve ser construído como uma atividade em que os alunos se envolvam com as práticas sociais da linguagem, por meio de planejamento, revisão, reescrita e edição de textos. As práticas de oralidade, leitura e produção de textos nos dois primeiros anos vinculam a aprendizagem do sistema alfabético de escrita. Uso-reflexão-uso visa levar o aluno a refletir sobre as possibilidades de uso permitidas pelo sistema de língua, oral ou escrita e a ser capaz de aplicar o recurso mais adequado ao contexto em que está inserido.

Compreender o funcionamento do sistema alfabético de escrita, seguindo, nos demais anos, com a aprendizagem dos padrões de escrita que consolidam o domínio desse sistema. Nos dois primeiros anos, espera-se que a criança entenda os princípios organizadores do sistema alfabético de escrita, que é a correspondência entre fonema e grafema (regularidades diretas e algumas regularidades contextuais), aprimorando gradualmente os padrões de escrita (regularidades contextuais e irregularidades). (BRASIL, 2017, p.85)

Na prática, antes de iniciar a história, e aqui o professor deve já estar informado sobre o que se pretende destacar, informar sobre o texto que será lido, antecipando algumas partes da trama, seus personagens, local, fornecendo elementos para que os alunos possam antecipar o conteúdo do texto situando se durante a leitura, solicitar que façam inferências do que pensam

sobre como vai terminar a história, organizando-os de formas variadas: sentados no chão, na própria carteira em roda, com olhos fechados para melhor imaginar a história, em uma parte agradável do pátio, etc., mostrar as ilustrações, ressaltando a relação delas com o texto escrito.

Compartilhar com os alunos sua própria opinião sobre a história, comparando com outras histórias lidas ou conhecidas pelo grupo, tornar o livro físico disponível para que possam folhearem, possibilitando assim o aprendizado de que a leitura é uma forma de entretenimento e prazer. Sabe-se que ao trabalhar a leitura e escrita na escola a finalidade é a formação de leitores competentes e consequentemente, a formação de escritores, a leitura fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever e contribui para a constituição de modelos: como escrever. Alguns exemplos de leitura: leitura inicial, leitura compartilhada/colaborativa, leitura diária/semanal. A leitura fluente envolve uma séria de outras estratégias como seleção e verificação, decodificação, antecipação, mobilização de conhecimentos prévios, letramento, habilidade de estruturar inferências, deduções realizadas por meio de relações estabelecidas entre os dados do texto e entre o texto e o contexto.

Conhecer os nomes das letras, os sons que cada uma representa, a forma gráfica e a ordem alfabética é fundamental para os alunos que estão se alfabetizando, atividades que ocorrem manipulação da ordem alfabética em um contexto significativo leva o educando a ampliar o conhecimento sobre as letras do alfabeto, reconhecendo situações nas quais a ordem alfabética identifica a organização de alguns portadores textuais, como dicionário, lista telefônica, agende de telefones, nome dos alunos no diário de classe, entre outros. Uma prática didática de escrita com o professor ao produzir um cartaz de nomes da turma – ordem alfabética, e assim proporcionar a memorização da ordem alfabética e utilizar a ordem alfabética para organizar um texto.

Num primeiro momento conversar sobre a ordem alfabética, recitar o alfabeto, trazer os conhecimentos prévios dos alunos indagando sobre quem já teve oportunidade de verificar algum texto organizado nessa ordem, mostrar que é possível utilizar o alfabeto para buscar informações, levantar questões sobre um nome começar com a mesma letra, discutindo sobre os assunto e fazer referências sobre a segunda, terceira ou quarta letra dos nomes e se os nomes forem idênticos, partir para a análise dos sobrenomes.

Leitura de parlenda na reflexão sobre o sistema de escrita alfabético, estabelecendo relação entre partes do oral e partes do escrito, essa atividade pode ser uma atividade permanente enquanto houver alunos com escrita não alfabética. Recitar a parlenda com os alunos várias vezes, de modo a garantir que todos a saibam de cor. Escrita e leitura da parlenda, apontando o que está sendo lido, distribuição de cópias dos textos para acompanhar a leitura, passando o dedo por cima do que está sendo lido, leitura de verso por verso mostrando que cada verso é uma linha, tornando mais fácil para que os alunos acompanhem. Em outros momentos, depois de ler algumas vezes junto com os alunos parlendas ou cantigas, solicitar para procurar determinadas palavras, quem encontrar poderá dar dicas como é a primeira letra, com qual letra terminas, em que verso está, para possibilitar que os demais também encontrem.

As cruzadinhas, tornam-se um instrumento valioso na alfabetização, elas oferecem a oportunidade de estabelecer relação entre oralidade e escrita, fonema/som, relacionando fala e grafia, tendo em vista a apropriação do sistema de escrita e as variedades linguísticas, dessa forma permitindo as crianças a refletirem sobre escrita correta da palavra. É necessário explicar que cada espaço recebe uma letra, portanto não pode sobrar nem faltar espaço, se isso ocorrer, provavelmente há erros na escrita. Orientar que quando ocorrer o cruzamento de palavras uma única letra será usada para as duas palavras.

Chamar a atenção de que algumas palavras podem estar escritas na posição vertical ou horizontal. Uma proposta interessante ao trabalhar com cruzadinhas é examinar como a palavra está organizada, qual é a letra inicial, a norma ortográfica da língua portuguesa e a compreensão da correspondência letra-sons. Esta prática didática permite que as crianças desenvolvam as capacidades de ler e escrever mesmo que os alunos não tenham o domínio do sistema de escrita, utilizando as estratégias de antecipar, verificar, utilizando-se dos seus conhecimentos prévios sobre a leitura e escrita ao utilizar o banco de palavras.

Para ampliar o conhecimento sobre a relação entre as partes do oral e do escrito, refletindo sobre o sistema de escrita alfabético, o trabalho com listas contribui de maneira significativa, as crianças presenciam essa prática constante em seus lares com seus familiares, quando esses listam os produtos de compra, etc. As listas permitem a relação de nomes de pessoas, produtos, compromissos, atividades, entre outras para organização de uma ação. Apresentam uma estrutura simples, dessa forma permitem que essa prática possibilite que os alunos reflitam sobre a escrita das palavras, que letra deve usar, quantas letras usar, e ao trabalhar em duplas ou grupos, a comparação entre as produções dos outros alunos estimula muito mais essa reflexão, construindo o conhecimento sobre o sistema de escrita alfabética.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor essas práticas didáticas, espera-se que ocorra o favorecimento para trabalhar com os alunos a leitura e a escrita. Apresenta-se aqui uma minúscula parte de um vasto campo de práticas que podem favorecer o ensino da leitura e escrita. É necessário que o professor, no cotidiano da sala de aula, resgate intencionalmente, atitudes e habilidades que orientem de maneira positiva buscando desenvolver outras atividades semelhantes. O compromisso e emprenho no desenvolvimento das práticas didáticas, e a implementação de abordagens significativas que reflita na fomentação de novas ideias e atitudes, para repensar modelos e planejar ações e perseverar com foco no objetivo final, que é progressivamente os alunos assumirem a tarefa de ler e escrever com mais autonomia e desenvolver ao máximo suas capacidades, e assim crescer em todas as dimensões, contribuindo para a transformação e prática da cidadania.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular, Alfabetização até o segundo ano, 2017, p.85.

CAPOVILLA, Fernando C. (Org.) Os novos caminhos da alfabetização infantil. Relatório encomendado pela Câmara dos Deputados ao Painel Internacional de Especialistas em Alfabetização Infantil. 2ª ed., São Paulo: Memnon Edições Científicas Ltda., 2005.

CAPOVILLA, Fernando; CAPOVILLA, Alessandra G. S. Alfabetização: Método Fônico. 4ª ed., São Paulo: Memnon, 2007.

CATTELL, Psyche. The measurement of intelligence of infants and young children. New York: Psychological, 1960.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2009.

GOVERNO do Estado de São Paulo, Secretaria da Educação Fundação para o Desenvolvimento da Educação; Ler e Escrever: Guia de Planejamento e Orientações Didáticas, Professor Alfabetizador – 2º ano. 7ª ed., São Paulo, 2014.

HECKMAN, J. James; MASTEROV, Dimitriy. The productivity argument for investing in young children. Chicago: University of Chicago, 2004.

RUSSO, Maria de Fatima. Alfabetização um processo em construção. 6ed., São Paulo: Saraiva, 2012.

TEMPLETON, Shane; MORRIS, Darrell. Reconceptualizing spelling development and instruction. Reading Online, v. 5, n. 3, p. n3, 2001.

TREIMAN, Rebecca. Reading. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (Org.). Handbook of Linguistics. Oxford, England: Blackwell, 2001. p. 664-672.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. Metodologia da Alfabetização. Curitiba PR. Ed. IBPEX, 2007.

VYGOTSKY, L.S. Consciousness as a problem in the Psychology of behavior. Soviet Psychology, n. 4, p.3-35, 1979. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1983. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989. WERTSCH, J.V. (Ed.) Culture, communication and cognition in Vygotskian perspective. Combridge: Cambridge University, 1985a. Vygotsky and the social formation of mind. Cambridge: Harvard University, 1985b.

https://www.bezosfamilyfoundation.org/